

JENNIFER ROMOLINI

COMO SER **DIFERENTE** DO REBANHO?

UM **GUIA DE CARREIRA** PARA **MULHERES**
INCONFORMADAS, INSATISFEITAS e INADAPTADAS



Foram alterados os nomes de algumas pessoas e modificadas características passíveis de identificar outras, tais como descrições físicas e profissões, de modo a preservar o seu anonimato. Em alguns casos, foram criadas personagens compostas, ou compactaram-se linhas temporais, a fim de preservar ainda mais a sua privacidade e manter o fluxo narrativo. O objetivo foi sempre proteger a privacidade das pessoas sem prejudicar a integridade da história.

*Para a Lynn e a Charlotte
e para as miúdas diferentes de todo o mundo*

ÍNDICE

PRÓLOGO 11

INTRODUÇÃO 17

Parte 1: Vá ao Encontro da Sua Estranheza

CAPÍTULO 1 Chanfradas 25

CAPÍTULO 2 Torpor escolar 37

CAPÍTULO 3 Manto de infelicidade 40

CAPÍTULO 4 Deixe-se dar de caras com os seus sonhos 48

Parte 2: Aceite a Sua Estranheza

CAPÍTULO 5 Não finja ser quem não é para conseguir
o que quer 63

CAPÍTULO 6 Persistência, resistência 88

CAPÍTULO 7 Sobreviver a si mesma 103

CAPÍTULO 8 O que ninguém lhe diz sobre o trabalho 118

CAPÍTULO 9 A palavra L 144

CAPÍTULO 10	Como e quando se despedir do seu emprego horrível	159
CAPÍTULO 11	Revistas de moda quando não se é de modas ..	179
CAPÍTULO 12	Se eu soubesse o que sei hoje	186
Parte 3: Uma Estranha no Mundo		
CAPÍTULO 13	Aquela vida de #boss	193
CAPÍTULO 14	Controle-se	217
CAPÍTULO 15	A orientação é importante	228
CAPÍTULO 16	Só me arrependo de uma coisa na vida	234
CAPÍTULO 17	Faça-se à vida	242
AGRADECIMENTOS	255

PRÓLOGO

Estes são os meus piores medos. Se calhar era melhor ficar a conhecê-los, uma vez que estamos prestes a passar muito tempo juntas. Tenho medo de assaltos a casas, embora já me tenham explicado que, estatisticamente, cerca de 0,000015 por cento dos assaltos são inventados e que, por cada caso horroroso de «humanos malévolos que arrombaram a porta, roubaram tudo e deixaram mutilados todos os habitantes da casa, tirando o pai, que teve de assistir a tudo», existem milhares de roubos de computadores e joias que duram segundos e em que ninguém se magoa, nem mesmo o cão. A probabilidade de a minha casa ser assaltada é menor do que a probabilidade de contrair o vírus Zika. Ainda assim, quando vivia sozinha em Brooklyn, empurrava a minha cómoda para a frente da porta do quarto todos as noites antes de me ir deitar. Ainda assim, pesquisei na Internet «terei Zika?» mais vezes do que devia.

Tenho um medo corriqueiro de morrer antes dos 97 anos de idade que desconfio que possa ter menos que ver com a morte em si e mais com a minha obsessão em estar viva, apesar das minhas incessantes reclamações (nunca são demais os anos que vivemos num mundo onde existe álcool e gatinhos. Julgo que compreendem). Anseio pela oportunidade de envelhecer, de usar exclusivamente cafetãs, de tocar acordeão num alpendre enquanto bebo uísque, de assustar os miúdos

do bairro só porque ainda cá estou. Tenho medo de não chegar a fazer isto.

Tenho medo de alturas. Não foi nos verões que passei a saltar de penhascos do interior da Pensilvânia para riachos do interior da Pensilvânia, com o intuito de impressionar rapazes do interior da Pensilvânia, que descobri este medo, mas sim quando tinha 30 e poucos anos, numa «excursão empresarial», uma visita de estudo obrigatória para adultos em que tive de estar presente por causa de um trabalho novo. Tinha acabado de conseguir um emprego numa empresa de serviços de Internet com escritório em Nova Iorque, onde eu vivia. Fui contratada para escrever artigos online sobre moda e beleza, a partir de casa, mas, sabe-se lá porquê, como parte do contrato de trabalho, tive de voar para Los Angeles, apanhar o autocarro para Malibu, até uma quinta onde já filmaram um desafio do *America's Next Top Model*, e fazer um percurso de arvorismo com pessoas que não conhecia. O objetivo era provar que conseguíamos trabalhar em conjunto, embora nunca fôssemos realmente trabalhar juntos.

À chegada, depois das cortesias e placas de identificação, foi-me atribuída uma equipa, apetrecharam-me com um capacete e um arnês de escalada e pediram-me para subir uma escada de dois andares. De acordo com o site de arvorismo, esta atividade iria aumentar a minha autoestima e ensinar-me a confiar nos outros. De acordo com o site, o dia inteiro iria estimular desenvolvimento pessoal, trabalho de equipa e responsabilidade, ajudando-me a adquirir competências para a vida profissional. Foi um dia de desafios de confiança, a que se juntou a assinatura de uma declaração de responsabilidade, para o caso de morrermos.

Havia vários percursos de obstáculos no nosso acampamento de arvorismo, mas o objetivo do que me tinha sido atribuído, a versão «alta», era trepar até ao cimo da escada de corda, balançar-me para um poste adjacente e depois trepá-lo, como faria um reparador das linhas telefónicas de antigamente. Depois de alcançar o degrau mais alto, a ideia era eu içar-me para uma base — que estava pregada no meio do poste e parecia um *frisbee* virado ao contrário —, equilibrar-me sobre essa base instável e, em seguida, com uma corda presa ao arnês, flutuar como uma graciosa fada alada até ao chão.

Naquele dia, tentei por três vezes e não consegui trepar até ao cimo, e cada tentativa era mais demorada, mais suada e mais apavorada, mas os meus colegas de equipa torciam por mim — «Tu consegues!» — e o treinador gritava «Queres isto ou não?» e «Como é que vamos ajudar a Jennifer a ter êxito?». A verdade é que eu não queria aquilo e não conseguia, de facto, fazê-lo, e uma vez que o meu corpo já me tinha traído, porque tinha paralisado lá no cimo numa pose de boneca com braços dobrados, como se as minhas articulações fossem enfeites ou precisasse de ser oleada como o Homem de Lata, a minha equipa não conseguiu, na verdade, ajudar-me a ter êxito. Do meu poleiro, conseguia ver Malibu em toda a sua plenitude, um lugar onde nunca tinha estado, cheio de montanhas, copas de árvores e mansões; repleto de borboletas, luz dourada e riqueza. Do meu poleiro, imaginei-me a cair, um cenário com uma ambulância e paramédicos, a corda demasiado apertada à volta da minha cintura para poder ser desatada, dramaticamente cortada do meu corpo enquanto me levavam numa maca, uma despedida em câmara lenta dos meus colegas de equipa que observavam de lado. Perguntei-me como seria por dentro o hospital para ricalhaços de Malibu.

Equilibrei-me, imóvel, muda, com o capacete posto e a fazer uma careta durante demasiado tempo, até a coisa se tornar estranha e deixar de ser divertida, até as pessoas responsáveis ficarem *preocupadas*. Por fim, uma pessoa capaz decidiu subir e ajudar-me. Descemos juntas numa posição de colher vertical, eu ainda com os braços dobrados como os da Barbie, a sentir-me envergonhada com os olhares fixos das pessoas à volta.

Depois do percurso de arborismo, a nossa equipa teve de criar uma verdadeira ovação de claque sobre como gostávamos da empresa mais do que qualquer outra pessoa que gostasse da empresa e depois apresentá-la diante de todos os outros grupos. O grupo que ganhasse recebia um prémio de que não me lembro, porque não foi o meu grupo que ganhou. Acontece que também tenho medo de fazer ovações de propaganda a empresas à frente de dezenas de desconhecidos.

Para encerrar o dia de *team building*, os funcionários reuniram-se para comer sanduíches empapadas numa cafetaria improvisada numa tenda e assistir a um vídeo promocional de pontos altos empresariais ao som de música muito animada. Era uma situação absurda, ainda

mais absurda porque as pessoas que me rodeavam pareciam estar a divertir-se — estavam mesmo *a gostar e a curtir*. Eu sentia-me como um peixe fora de água, desconfortável e exposta, uma Mulher que Caiu na Terra se a Terra Fosse Um Retiro Empresarial Intrincado.

No fim do dia, estava certa de que nunca iria conseguir aquele emprego. Porém, acabei por lá ficar seis anos, fui promovida quatro vezes e ganhei mais dinheiro do que alguma vez imaginara. Tive sucesso nesse trabalho, e até posteriormente, em trabalhos mais importantes. Tornei-me excelente no que fazia, evoluindo para o tipo de humano #líder eficiente e poderoso que admirava mas não imaginava poder vir a ser. Naquele dia, vacilei no percurso de arvorismo, e continuei a vacilar, mas, apesar de tudo, singrei.

O que me leva ao maior e mais persistente medo da minha vida, que só recentemente consegui ultrapassar: durante muito tempo, tive a certeza absoluta de que nunca haveria de singrar no mundo, de que nunca seria «bem-sucedida», da maneira como as pessoas bem-sucedidas são. A razão por que nunca o conseguiria devia-se ao facto de ser demasiado intensa, demasiado desajeitada socialmente, demasiado *sensível* para manter um EM-PRE-GO, para ser uma «profissional», nos termos do mundo profissional. Preocupava-me com o facto de pessoas como eu não conseguirem singrar. Não conseguia vislumbrar o caminho para a minha vida de sonho, e durante muito tempo, até aos meus 20 e tal anos, nem sequer era capaz de identificar que sonhos poderiam ser esses.

Quando comecei a procurar a minha «vocação», e à medida que evoluía na carreira, tinha perguntas que precisavam desesperadamente de resposta. Coisas do género: Como é que salto para a classe intelectual sem abandonar a minha família da classe trabalhadora? Como é que lido com a minha falta de jeito para socializar sem me embebedar para esconder os nervos? Como é que sobrevivo a políticas de escritório intensas? Quando é que irei começar a sentir que este é o meu lugar? Como (e quando) é que largo um trabalho da treta? Como é que posso ser uma líder de excelência quando a gestão é um fardo, quando toda a gente quer aproveitar-se de mim/obrigar-me a solucionar os seus problemas/roubar-me a alma? Como é que equilibro a ambição, a competitividade e o poder, sendo ao mesmo tempo uma daquelas

supermulheres de carreira, como nos filmes da década de 1980, com chumaços nos ombros que toda a gente odeia (e que eu também odeio)? E, acima de tudo: como é que faço isto tudo e me mantenho fiel a quem sou?

Não encontrei respostas em nenhum daqueles livros-de-hábitos-de-sucesso-dicas-de-salvamento-chefia-e-tabelas-de-objetivos-de-vida-inspiradores-e-pirosos que já li. E não consegui encontrar um modelo para alguém como eu: uma mera mortal que gastou dinheiro a mais em condimentos, ficou estupefacta com a ideia de um plano de reforma, desperdiçou horas de vida a seguir ex-namorados nas redes sociais e a cheirar a roupa antes de a vestir de manhã. Não me interpretem mal: eu adoro, respeito e admiro as pessoas que escrevem todos esses livros de carreira. Prezo a sua confiança, a sua experiência e o facto de não terem as calças manchadas. Eu é que não sou como elas.

E nunca ninguém me disse que podia ser de outra maneira, que casos isolados como eu podiam ter sucesso em empresas convencionais. Nós fornecemos poucos modelos de inadaptados bem-sucedidos em painéis de conferência ou em salas de reuniões. Ou se é um Homem ou Mulher de Negócios, uma pessoa estoica e contida com um penteado perfeito, que sorri com confiança mas sem mostrar muito os dentes, ou se é uma cesta que precisa de ser arrastada pela segurança. A nossa cultura diz-nos que os verdadeiros inadaptados só são aceites em carreiras artísticas e marginais; que só nos é permitido escrever poesia, fazer *cupcakes* artesanais, abrir lojas *Etsy* e tricotar almofadas-vagina. Fazem-nos festinhas na cabeça e falam sobre o hemisfério esquerdo do nosso cérebro. Dizem que somos demasiado emotivos para sermos advogados, que não podemos ser empresários porque somos muito estranhos. Mas estão enganados.

Ser uma esquisitoide, ou um caso isolado, ou até mesmo uma calona e alcançar sucesso verdadeiro e de alto nível não são mutuamente exclusivos, mesmo que todos os CEO que já viu pareçam normais e iguais. E mesmo que todos os livros de sucesso empresarial sejam escritos por pessoas normais que não imaginamos a passar por dificuldades como a acumulação de e-mails ou a pasta de dentes no cabelo. Você não está excluída do clube apenas porque é estranha e não é perfeita ou não se encaixa. Seja como for, a perfeição

é uma fantasia. Se é uma esquisitoide assumida, a sua sensibilidade e a sua maneira de estar no mundo não são prejudiciais, são um trunfo. A sua absoluta intensidade, a sua *diferença*, é exatamente o que a torna especial e uma lufada de ar fresco no mundo dos negócios. A sua esquisitice é um trunfo. Aceitá-la (além de trabalhar com afinco e tornar-se excelente no seu trabalho) ajudá-la-á a ter sucesso em quase qualquer profissão por que se sinta apaixonada. Se quiser, pode ter uma carreira totalmente gratificante, que lhe dê um bom dinheiro e lhe permita manter-se fiel à desajustada que realmente é.

Só vai ter de aguentar alguns disparates primeiro.

Este é um livro de orientação profissional para pessoas como eu. É um guia para gente estranha, desajustada, inábil e falhada. É um livro sobre encontrar a sua tenacidade e o seu caminho interiores, sobre querer e fazer acontecer mantendo-se fiel a si própria — mesmo (e sobretudo) se for esquisita e tudo parecer estar contra si.

Como usar este livro

Este livro é para usar como quiser! Pare de se pressionar! Desligue esse seu cérebro preocupado e avance para o que é mais importante para a sua experiência neste momento — quer sejam entrevistas de emprego ou despedimentos, ou lidar com *haters* ou diretores. Se não quiser ouvir-me a tagarelar sobre mim mesma, se precisar de apoio imediato, avance para os CONSELHOS (especificamente, para a página 63). Use este livro como uma referência nos próximos anos da sua carreira, pegue nele e largue-o quando precisar de ajuda, quando se sentir perdida, use-o como usou um guia sobre a puberdade, folheie-o de uma vez só, vá ao índice procurar as partes mais interessantes e depois leia COM MUITA ATENÇÃO, quando uma determinada situação estiver a acontecer consigo.

A única regra deste livro é ser gentil consigo mesma enquanto o lê, saber que tudo vai ficar bem e que você está bem. Este livro não pretende transformá-la em algo que não é; está aqui para a apoiar e ajudá-la a ser bem-sucedida, mantendo-se como é ou descobrindo exatamente quem é.

INTRODUÇÃO

Porque é que eu estou aqui

Eu não era para estar aqui. Passei os primeiros 28 anos da minha vida a ser uma inábil e um fracasso. Fracassei e tornei a fracassar. Desisti da faculdade porque andava demasiado pedrada para conseguir ir às aulas. Tive um casamento falhado antes de a maioria das pessoas começar o seu primeiro relacionamento sério. Passei uma década a vaguear e a falhar, desperdicei anos da minha juventude perdida, triste e zangada, e em dificuldades e bêbeda. Falhei na gestão das minhas finanças, falhei nos empregos. Quase nem conseguia acabar o secundário, por causa da negativa a Educação Física.

Há poucos anos, não seria capaz de escrever um livro de memórias sobre como ter sucesso na carreira. Há poucos anos, estava sentada no carro, ao frio, à entrada da garagem, sozinha numa manhã de inverno, a tentar deixar o meu primeiro marido. Tinha 24 anos, era empregada de mesa, desistira da faculdade e tinha menos de 100 dólares no banco. Vivia numa vila na Pensilvânia e sentia-me profundamente infeliz — o tipo de infelicidade que nos envolve como um manto, o tipo de infelicidade que sentimos quando sabemos que estamos a viver a vida errada e não fazemos ideia do que fazer em relação a isso.

A manhã em que tentei deixar o meu marido foi antecedida por muitas manhãs a querer deixar o meu marido. A nossa relação tinha

começado vibrante, jovem e diferente — ele era um tipo simpático que conduzia um *Miata*, vestia bermudas e terminava as conversas a fazer o gesto de pistolas com os dedos, e eu era uma miúda superemotiva e criativa que usava tops de alças sem sutiã e sabia divertir-se — mas agora éramos apenas estranhas carcaças de pessoas que tinham pouco em comum, a não ser uma licença para ficarem juntas e uma necessidade teimosa de manter as aparências diante de todos os que haviam dito que o nosso casamento iria falhar. Tínhamo-nos perdido um ao outro no início, com um bebé que deveria ter vindo mas nunca chegou (aos 4,5 meses, uma semana antes do nosso casamento, o meu corpo cedeu na gravidez) — uma perda demasiado devastadora para os nossos cérebros imaturos e não completamente formados. Agora mentíamos um ao outro para chegarmos ao fim do dia, bebíamos demais à noite e discutíamos tão alto no nosso apartamento do rés do chão, que os vizinhos reclamavam regularmente.

A manhã em que tentei deixar o meu marido seguiu-se a uma noite inteira a esperar por ele, tal como tinha esperado em muitas noites; a passear pelo apartamento, a ligar e a desligar a televisão, a folhear revistas, a dar colo ao nosso gato melancólico e obeso. Estava a acontecer alguma coisa comigo, alguma coisa essencial, profunda e inexplicável, uma coisa em que não queria pensar muito, por medo de que desaparecesse. Na minha cabeça, estava a preparar-me para a aceitar, aceitar a possibilidade de que existia algo mais, de que eu poderia ser algo mais, de que poderia existir fora do que sempre tinha conhecido.

Tinha-me casado muito jovem, sem pensar na minha independência, na minha identidade ou em especial no meu futuro. Casei-me porque pensei que devia, porque parecia presunçoso e até pretensioso ter sonhos ousados de sucesso profissional e ainda mais impossível tornar esses sonhos realidade. Casei-me aos 21 anos porque realmente pensei que era demasiado desajustada para enfrentar a vida sozinha, e porque pensei que um homem poderia salvar-me.

Às 4 horas da manhã, fiz uma mala. Escrevi um discurso. Ensaiei o discurso. E esperei. As janelas estavam embaciadas no nosso prédio, mas eu via claramente o que tinha a fazer. Seria a minha última noite nesta vida. O sol surgiu sobre os parapeitos nevados das janelas.

Ouvi o carro do meu marido subir pelo acesso da garagem. Entrou em casa a cambalear; balbuciei o meu discurso. Agarrei na mala, saí de casa e fechei a porta. Depois, entrei no carro, fiz marcha-atrás e... o carro avariou à entrada da garagem.

Há poucos momentos decisivos na vida de uma pessoa, e aquela manhã ao frio, a olhar para uma casa e uma vida que eu sabia não terem sido feitas para mim, foi um dos meus. Ao ver o meu marido a espreitar de modo intermitente pelo cortinado, ciente de que tinha de voltar para dentro, percebi que não tinha realmente nada. Tinha zero perspetivas. Não tinha dinheiro, nem educação, nem carreira e nem competências reais que cumprissem requisitos. Tinha 20 e tal anos, e não só não tinha orientação alguma, como também estava totalmente dependente de um homem. Nesse momento, jurei que isso nunca mais iria acontecer.

Nesse momento, jurei que haveria de controlar a minha vida e mudar o meu destino, e foi exatamente isso que fiz.

Não aconteceu tudo nesse dia. Não arranjei o carro para, de repente, arrancar em direção a um pôr do sol de sucesso. Levei anos a desenterrar e a alcançar e a construir a vida profissional e pessoal que queria. Foram precisos sacrifícios e pensamentos positivos e sorte e tenacidade e momentos em que me senti aterrorizada e o trabalho era a única coisa que importava — e foi preciso escalar, escalar muito, porque a única maneira de sair de um buraco é trepar.

Porque é que você está aqui

Está aqui porque passou uma grande parte da sua vida a sentir-se diferente e excluída. Está aqui porque lhe disseram que «pensa demais» ou que é «muito intensa» ou que a sua sensibilidade é um sinal de fraqueza. Uma vez que não se sente de facto uma valentona, e uma vez, por mais conferências a que assista sobre poder pessoal e atitude de Mulher-Maravilha, a experiência de estar no trabalho fá-la muitas vezes sentir-se ansiosa e estranha. Gostava de ter um mapa de como ser uma profissional — mas sendo você mesma, preservando quem você é; mantendo-se aberta e honesta, mantendo

a ligação com a sua aberração interior. Está aqui porque está à procura dos códigos secretos de como navegar pela vida. E quer que lhos expliquem de uma maneira que faça sentido e seja prática, que não a façam sentir que precisa de mudar o seu verdadeiro eu para se sair bem numa entrevista ou fazer uma apresentação de PowerPoint. Em grande parte das nossas carreiras, parece que batemos a portas para ver qual delas nos deixará entrar, que andamos às apalpadelas no escuro para encontrarmos o próximo degrau na escada ou na estrutura do recreio, ou seja o que for que lhe chamemos. E é fácil perdermo-nos nisso. Você anda à procura de um guia.

Está aqui porque está agora a começar, a tentar encontrar o seu primeiro emprego ou algo que queira realmente fazer. Ou está algures a meio da sua carreira e chegou a um beco sem saída, encontrando-se encurralada e a pensar: «Mas como é que saio disto?» «Será só isto que existe?» «Qual é a minha próxima jogada?» Ou talvez esteja perdida, talvez sinta que deu cabo de tudo, que tomou uma decisão errada. Está cansada de vender seguros; a sua alma quer desenhar vestidos, mas você tem muito medo de tentar.

Não importa em qual destas etapas da sua vida profissional se encontra atualmente, você está aqui porque não quer apenas um emprego, quer uma carreira gratificante (pelo menos, uma — provavelmente, terá várias). Quer ser desafiada, inspirada, no fundo, mais bem-sucedida e mais recompensada do que é hoje. Vai gastar 90 mil horas da sua vida a trabalhar. É mais tempo do que irá gastar a fazer qualquer outra coisa, a não ser dormir. E sabe que deve a si mesma tornar essas horas o mais significativas possível. Sabe que não pode resignar-se a um trabalho apático. Não quer gastar a sua única vida a trabalhar numa coisa de que gosta pouco, um cliché triste do humor de escritório.

Você está aqui porque quer mais da sua carreira, mesmo que esteja a enfrentar um mercado de trabalho estúpido e sempre em movimento, inseguranças pessoais, os desafios do machismo e do racismo desenfreado no local de trabalho, uma diferença salarial persistente, a falta de precedentes de lideranças femininas na maioria das carreiras, a falta de mestres, e homens condescendentes por toda a parte.

Você está aqui porque está cansada de se sentir tão frágil, a uma rejeição profissional de distância do cataclismo emocional, uma poça

de gelado no chão e o Netflix. Porque quer sentir-se mais forte e mais segura. Porque não quer sentir-se atrapalhada com coisas insignificantes como o que dizer num e-mail, ou pelas importantes importantes, como pedir um aumento. Porque ainda não sabe quando precisa de se defender e quando decididamente não precisa de se defender. Está aqui porque ainda não percebeu que não é a única, que até mesmo os seus heróis pensam que são impostores, que todos pensamos que não merecemos estar aqui, que todos acreditamos, apesar de esmagadoras provas em contrário, que somos escumalha irrelevante e incompetente, e que em breve TODA A GENTE IRÁ SABER.

Você está aqui porque, por mais desagradável que seja a programação merdosa e a conversa interior que brota de forma intermitente no seu cérebro, as vozes que lhe dizem que é preguiçosa, que não tem talento e que é do piorio, precisa de nutrir empatia por si, precisa de alguém que lhe diga que o que sente é normal. Que se enquadra. Que é CAPAZ de fazer isto.

Porque é verdade.

Não importa onde esteja hoje, não importa como se sente em relação a si mesma, este livro está aqui para reverter o seu cérebro, para lhe ensinar uma nova mensagem: você pode, realmente, fazer qualquer coisa. Pode reinventar-se. Pode encontrar o seu propósito na vida, encontrar mentores de qualidade na sua profissão; pode criar um plano e tornar esse plano realidade. Os seus fracassos e inseguranças até ao momento não significam nada, a menos que deixe que se intrometam no seu caminho. Pode sobreviver a qualquer decisão mal tomada. Pode aprender a sentir-se normal no trabalho e a conseguir tudo o que quiser. Você consegue. Por mais estranha ou desorientada que se sinta, há de conseguir voar.

PARTE 1

Vá ao Encontro da Sua Estranheza

CAPÍTULO 1

CHANFRADAS

É difícil apontar uma data exata para o início da minha estranheza. Esta está, como a maioria das coisas na vida, inextricavelmente ligada aos meus pais — aos seus sucessos e fracassos; às suas escolhas e ao seu destino. Para partilhar a minha história, preciso de partilhar a deles, pelo menos para contextualizar.

A minha mãe tinha 16 anos quando conheceu o meu pai. Era alta e magra, uma menina ítalo-americana de segunda geração com características angulares e cabelo escuro quase até a cintura. Usava vestidos tipo *babydoll* por cima de calças de ganga à boca de sino e era valente, inteligente e bonita como a Cher quando era nova. Era pobre, e, na época, vivia com a sua mãe, a minha avó, uma mãe solteira com dificuldades. O meu avô era cantor lírico, mas principalmente um vigarista, e sobretudo um trapaceiro. Quando ele se foi embora, a minha avó passou por graves crises de depressão, que por vezes a levavam a situações graves que envolviam coletes de forças e tratamentos de choques elétricos e, finalmente, uma grande quantidade de Deus católico. A minha mãe era a única pessoa por perto para lidar com isto.

Quando os meus pais se conheceram, o meu pai era um desistente de liceu com 17 anos que carregava um historial de tormento, talvez até mais pesado do que o da minha mãe. Tinha fugido de casa e era um pouco bandido, frequentando esquinas à noite e trabalhando durante

o dia numa mercearia na zona sudoeste de Filadélfia, onde a minha mãe entrou para comprar tabaco. Os meus pais começaram a namorar. Foram ver o *Destinos nas Trevas*. A música deles era *The First Time I Ever Saw Your Face*, de Roberta Flack. Refugiaram-se um no outro e apaixonaram-se perdidamente. Um ano depois, nasci eu. Alguns meses antes, na cerimónia de casamento na sala de estar da minha avó, o meu pai tinha vestido o mesmo fato que tinha usado para levar a minha mãe ao baile de finalistas.

Vivíamos numa casa a cair aos bocados num quarteirão degradado de uma zona pobre da Filadélfia, ao lado de uma taberna chamada Tex's Tavern. Os meus pais ajeitaram a casa com fetos e macramé e um tapete azul e, a dada altura, arranjámos um piano branco amolgado, embora ninguém soubesse tocar. Tivemos um cão chamado *Puppy* durante algum tempo e um aquário com um peixe-gato de olhos grandes que se tornou maior do que o meu braço. Tivemos uma iguana chamada *Nighta*, que alimentámos com bananas até morrer um dia atrás do sofá. Tínhamos um gira-discos guardado numa estante feita com blocos de cimento que o meu pai construiu e onde tocávamos repetidamente álbuns dos Led Zeppelin, Pink Floyd e Jethro Tull, e uma mesa de jantar redonda que estava quase sempre cheia de cinzeiros e garrafas de vinhos italianos envoltas em vime.

Os adolescentes são impetuosos e apaixonados. Os cérebros dos adolescentes não estão totalmente formados. Os meus pais não eram exceção. Os meus pais e os amigos deles tinham uma vida típica de adolescente: bebiam demasiadas coisas, fumavam demasiadas coisas; organizavam festas de dança improvisadas e sentiam invejas inapropriadas. Tomavam decisões impulsivas terríveis e também decisões impulsivas maravilhosas. A nossa vida nos anos 70 era vivida ao extremo — ao extremo da felicidade, ao extremo da tristeza e, por vezes, ao extremo da violência. Os meus pais experimentavam drogas novas e dietas novas e políticas novas e depois, quando se cansavam dessas coisas, faziam viagens de carro com os amigos. Eu também ia nessas viagens pela estrada. Era a única criança no grupo.

Partilhávamos quartos de motel na praia e cabanas nas montanhas. As mulheres usavam cafetãs e os homens levavam flautas e bongós, guitarras e erva. Quando chegávamos a casa, eu brincava num forte

que tínhamos construído com a caixa de papelão do frigorífico. À noite, na cama, tapava a cabeça com as cobertas e posicionava os meus animais de pelúcia numa pilha sobre a roupa da cama, disfarçando o volume do meu corpo para ninguém perceber que eu ali estava.

Aos domingos, eu e os meus pais aperaltávamo-nos e embrenhá-vamo-nos na zona sul de Filadélfia até à casa do meu bisavô para jantares de família. Ele era um imigrante italiano e tinha uma corneta vermelha à entrada da casa e tomates vermelhos a crescerem em baldes no quintal de cimento. No andar de baixo, na cave, fazia *linguini* fresco, pizza e pipas de vinho tinto. Esculpia os pássaros de ferro. Tocava violino. A casa cheirava a farinha e desinfetante e pimentos secos. Falava mal italiano e falava mal inglês, com um forte sotaque do Velho Mundo. Chamava-me Jen-o-eff e Jen-o-fee. Era um órfão chegado à América depois da Primeira Guerra Mundial. A verdade é que ninguém contratava italianos naquela época, era o que se dizia; ele nunca tinha tido um emprego de verdade. A minha bisavó tinha sustentado a família como costureira, mas isso era antigamente. Agora sentava-se numa cadeira de rodas ao canto da sala, junto à janela, com vista para a rua estreita no sul de Filadélfia onde moravam. Ela chamava-me «mamã»; dava-me moedas de 25 cêntimos e notas de dólar dobradas. Pedia-me para apanhar lincas e migalhas e algodão que ela via mas não conseguia apanhar do chão.

Há histórias de que me lembro destes anos e histórias de que não me lembro. São contadas hoje à volta de grandes mesas nos subúrbios, onde os meus pais e os amigos põem a conversa em dia e onde eu sou tratada como se fosse filha de todos eles. Algumas das histórias são ligeiras, outras são fixes. Conheci o David Bowie quando tinha apenas um ano de idade. A minha mãe era uma superfã do Bowie; a música *Kooks*, sobre um bebé nascido de dois desajustados de espírito livre (Bowie e a sua mulher, presumo eu), era uma espécie de hino familiar. A minha mãe tinha visto o Bowie em concerto várias vezes, mas estava desesperada para o conhecer. Num espectáculo, certa noite na cidade, eu e ela esperámos durante horas numa porta das traseiras do estádio. Quando o Bowie finalmente saiu, parou junto à minha mãe. Assinou-lhe o álbum. Tocou no meu rosto e disse que eu era fofa. Todos ficaram excitados, todos ficaram encantados.

E há outras histórias, como aquela em que fizemos todos uma viagem de verão no interior rural de Nova Jérsia, em carros separados. Eu e a minha mãe e alguns amigos íamos numa carrinha, e o meu pai e os seus amigos seguiam noutra carro e, de alguma forma, na fúria de parar para descansar, descarregar e voltar aos carros, deixaram-me para trás quando todos arrancaram. Aperceberam-se do erro depois de alguns quilómetros de caminho, pelo que me contaram, a gritarem um para o outro, a alta velocidade, através das janelas abertas:

— A Jennifer está contigo?

— Não. Está contigo?

Quando os meus pais voltaram para trás, encontraram-me à beira da estrada, sentada debaixo de uma árvore. Eu tinha lá estado menos de meia hora, mas, ainda hoje, tenho a sensação de que foi um dia inteiro.¹ Tinha quatro anos.

Quem sabe como nos tornamos pessoas, como mapeamos os nossos padrões de alegria e perda e fracasso num humano que percorre o mundo. Quem sabe se aprendi o que era a solidão pela primeira vez naquele dia ou se aprendi através das centenas de segundos subtis que passamos na companhia de pessoas mas em que nos retraímos, que acontecem durante toda a vida, na vida de toda a gente, segundos esses a que a pessoa hipersensível raramente consegue escapar. Mas eu sei o seguinte: aquele dia, na paragem para descanso, é uma das minhas primeiras memórias nítidas de estar viva. Desde então, senti-me outra pessoa, como uma estranha a olhar para dentro.

Algum tempo depois desse dia da paragem, todos começámos a crescer. Os meus pais, já com 20 e poucos anos, atinaram e começaram a tornar-se mais adultos — a minha irmã nasceu, ficaram com duas filhas para alimentar. O meu pai, que sempre foi inteligente e engenhoso, tornou-se ainda mais, largando o seu posto de trabalho no armazém do supermercado local e criando um emprego independente e viável. Começou a construir um negócio que acabaria por nos ajudar a sair da pobreza e passarmos a ter uma vida confortável de classe média. A minha mãe também trabalhava — numa grande loja numa zona chique de Filadélfia como maquilhadora, e, mais tarde, como cabeleireira. Assim que o meu pai abriu o seu negócio, ela assumiu a

¹ A minha mãe diz que foram cinco minutos.

contabilidade, e ficava acordada todas as noites, a contar e a empacotar maços de notas e moedas em rolos perfeitos, a carregar nos botões da calculadora, sentada de pernas cruzadas no chão da nossa sala de estar. Eu conseguia ouvir o som das teclas dos números durante a noite.

O meu pai começava todos os dias de trabalho às 3 horas da manhã. Ia no seu *Chevy Nova* para o Mercado de Agricultores por Atacado de Filadélfia, porque era a essa hora que se conseguiam os melhores produtos. A minha mãe ficava acordada todas as noites, depois de amamentar e cozinhar e alimentar e dar banho a duas filhas, limpar e lavar e dobrar e guardar a roupa de todos, pagar contas, equilibrar lucros e prejuízos. Não podia cometer erros; havia muita coisa em jogo. Ela tinha 22 anos. Os meus pais tinham desistido da escola no ensino secundário, não tinham qualquer educação e possuíam apenas bom senso comum e tenacidade; criaram vidas profissionais a partir do nada. Se existir algum segredo para o meu sucesso, são eles. Aprendi mais a observá-los a trabalharem com afinco do que em todos os meus (muitos) anos de escola.

As amigas não nos deixam fazer permanentes

Quando é que começamos a entender que somos diferentes? Como sabemos que somos estranhos? Para mim, começou quando tinha 9 anos. Tínhamo-nos mudado para os subúrbios, para uma antiga quinta com meio hectare de terreno, em que uma parte era arborizada. Éramos pessoas da cidade no que parecia ser o campo. Eu e a minha irmã trepávamos às árvores e apanhávamos flores dos arbustos de madressilva e corríamos pelos quintais dos vizinhos e tentávamos fazer amizades e tentávamos encaixar-nos. Depois nasceu o meu brilhante irmão, que se tornou para sempre um íman de atenção, diluindo os recursos parentais da família e proporcionando uma orientação menos resoluta.

Foi mais ou menos nessa altura que comecei a usar óculos feios e fiz uma permanente horrível. A seguir, pus aparelho nos dentes. A Tríade da Cromice. Eu e o meu melhor amigo Clayton (outro desajustado que se tornaria um dos homens mais bonitos do mundo mas

na altura era um miúdo gordinho com o cabelo comprido atrás) andávamos de bicicleta pelo bairro e chamávamos aos nossos inimigos «cabeças ocas», como verdadeiros valentões que éramos. Eu brinquei com Barbies até aos 13 anos. Dei a mim mesma a alcunha de *Rambo* e gravei o meu nome por toda a escola, equipada com um casaco de ganga largueirão adornado com franjas de camurça à *cowgirl* e um crachá que proclamava, de forma ameaçadora: «Eu amo toda a gente e tu és a seguir!»

Nem concentrada o suficiente para ser uma *nerd* nem suficientemente corajosa para ser uma rebelde, eu não era popular na escola e tinha dificuldade em fazer amigos. Era uma estudante medíocre e desengonçada, com braços e pernas que não sabia usar — quando jogávamos ao mata, muitas vezes era atingida com tanta força, que tinha de ir à enfermeira. Por vezes, devido ao stress da Educação Física ou ao esforço, acabava por desmaiar. Na minha fotografia do sexto ano, alguém colou o autocolante «Desliguem as luzes!».

A minha mãe acompanhou a minha visita de estudo do sétimo ano com umas botas *Reebok* vermelhas calçadas e vestida com calças de ganga desbotadas, justas. Eu ouvi um miúdo no autocarro dizer: «A mãe da Jenn é fixe, qual é o problema da Jenn?»

Não se tratava apenas da minha mãe. Eu nasci numa família de ítalo-americanos bonitos com estilo ítalo-americano. Pavoneavam-se com blusões de cabedal e conduziam *Cadillacs* reluzentes. Eram descarados, carismáticos, encantadores à maneira do *Tudo Bons Rapazes*; podiam falar com qualquer pessoa em qualquer sala. Eu não possuía essa mesma presença nem confiança física; na verdade, nem sequer entendia onde o meu corpo se situava no espaço. Pensava demasiado nas coisas, era sensível, envergonhada e extremamente nervosa; nunca encontrei uma cadeira da qual não caísse, uma calçada em que não tropeçasse, uma pessoa a acenar para alguém a quem eu não acenasse também por engano. Os meus primos ítalo-americanos eram clones jeitosos de cabelos escuros dos seus pais — valentes, barulhentos, seguros de si. Eu estava desfasada em relação à minha identidade cultural, e isso era evidente.

Mas a minha estranheza basilar não acabou ali. À medida que os tempos de borgia dos meus pais foram acalmando, à medida que eles se foram interessando menos por embriaguez e escapatórias e mais pelo

sentido das coisas, nós tornámo-nos uma família de contradições espirituais e emocionais. Na essência, éramos italianos católicos e agressivos da classe trabalhadora, mas estávamos a entrar na Nova Era do fim da década de 1980. Tínhamos a casa cheia de cassetes de Marianne Williamson, livros de Shirley Maclaine, incenso e cristais de limpeza de aura, mas isso não consegui de forma alguma impedir-nos de nos enraivecemos, gritarmos palavrões ou nos perseguirmos à volta da mesa da sala de jantar com facas de plástico. Nesta altura, os meus pais dependiam dos princípios da reencarnação e afirmações positivas da mesma maneira que algumas famílias dependiam de martínis a seguir a um dia de trabalho ou de um *Valium* escondido no armário da cozinha. Disfarçaram temporariamente os nossos problemas, mas não resolveram nada.

Nós culpávamos o karma por tudo, acendíamos velas dos chakras, mas muitas vezes a minha mãe irritava-se tanto com os assistentes de serviço ao cliente, que gritava e batia com o telefone. O meu pai andava sempre com um taco de basebol e uma catana no carro, «pelo sim, pelo não». Havia uma perceção geral de que «dar-lhes uma bronca» era uma boa maneira de resolver um conflito, mas também de que talvez as motivações de uma pessoa proviessem de uma vida passada.

Talvez como resposta a tudo isto ou, o que é mais provável, como resposta à puberdade, transformei-me numa criança extratemperamental e extrassentimental. No verão, enquanto o meu pai trabalhava e minha mãe fazia recados e todos os outros estavam na rua a brincar, a jogar e divertir-se e a ser fixes, eu ficava em casa, alargava o aparelho com uma faca de manteiga e via telenovelas. Essencialmente, consigo contar todos os pontos altos da trama de *The Young and the Restless*, *Malha de Intrigas* e *As The World Turns*, de 1983 a 1987. À noite, assistia a repetições de *Dinastia*, *Falcon Crest*, *Dallas* e *Knots Landing*. Era obcecada por pessoas ricas, pessoas de meia-idade e histórias dramáticas e cosmopolitas da idade adulta, diferentes da que me rodeava.

Os meus filmes favoritos nesta altura eram filmes da década de 1970 e início da década de 1980, que conseguíamos apanhar a horas estranhas no canal Home Box Office e que eu gravava em VHS. A minha coleção incluía *Sempre Te Amei* (com Marsha Mason e Kristy McNichol, sobre uma atriz de teatro alcoólica e mãe solteira que tentava criar a filha em Manhattan); *Kramer contra Kramer* (com Dustin

Hoffman e Meryl Streep, uma história de divórcio que ocorre em Nova Iorque) e *As 4 Estações* (com Alan Alda e Mary Tyler Moore, sobre quatro casais de meia-idade que viajam juntos em todas as estações até que um casal se divorcia por causa da crise da meia-idade do homem). Eu via estes filmes vezes sem conta. Cozinhava pacotes de recheio de carne instantâneo, comia-o da panela e passava horas no sofá. Era preguiçosa. E vivia com pais trabalhadores.

A partir dos 13 anos, puseram-me a trabalhar.

Boas Festas, minha querida

Na Páscoa, o meu pai — que já era proprietário de três mercados de fruta e legumes por toda a Filadélfia e no sul de Nova Jérquia — colocava uma banca de flores à entrada da sua loja principal em Filadélfia para atrair clientes, e, como eu tinha a semana de férias da Páscoa, ele levava-me para trabalhar na banca. Na primeira manhã, mostrava-me o inventário: paletes de flores coloridas, centenas delas, que eram retiradas do armazém das traseiras ao longo da semana por homens que conduziam empilhadoras. Eu gostava do cheiro do armazém — pungente e putrefacto e terroso, como tomates comprados na esperança de serem usados e que depois se estragavam, levando consigo as qualquer aspiração culinária. Gostava de entrar no frigorífico fundo, cheio de bananas, pimentos e alfaces, com a porta pesada e a entrada de fitas de plástico, que pareciam esparguete ou escovas compridas ensaboadas da lavagem automática de automóveis. Gostava da azáfama dos homens que trabalhavam para o meu pai, a sua aspereza e os seus sotaques cerrados e de vogais abertas de Filadélfia, do facto de ouvirem Howard Stern durante a manhã e *rock* clássico à tarde e de dizerem piadas porcas durante todo o dia (pelo menos, quando pensavam que eu não estava por perto). Até da casa de banho do armazém eu gostava, imunda ao ponto de nunca vir a ficar limpa, uma espécie de imundície que sugeria que se tratava de uma terra diferente e com leis diferentes, com sinais e gíria nas paredes que eu não compreendia.

Depois de o inventário ser revelado, o meu pai explicava os custos por atacado e a retalho de cada planta, para que eu soubesse o quanto

poderia baixar os preços quando negociava com os clientes e, ainda assim, ter lucro. Se tivéssemos lucro, ele dividia-o comigo; caso contrário, ele assumia o prejuízo. Ganhar dinheiro com as flores não era coisa com que se preocupasse (fosse como fosse, era um inventário perdedor); o que ele queria era uma montra bonita e uma pessoa simpática na rua para atrair a clientela a pé.

Começávamos à segunda-feira — otimistas, com dezenas de túlipas, jacintos, azáleas e lírios espevitados e multicoloridos — e terminávamos ao sábado, a menos que o negócio estivesse muito fraco e nos tivesse sobrado uma carrada de flores para vender, e nesse caso eu fazia uma última tentativa na manhã do Domingo de Páscoa, para apanhar a multidão que saía da missa. Dependendo do calor e da qualidade do *stock* desse ano, as flores normalmente começavam a murchar por volta de quarta-feira. Na tarde de quinta-feira, murchavam completamente, e no sábado de manhã a minha barraca era uma autêntica bagunça profana, e eu tentava endireitar flores descaídas com pauzinhos de gelado apenas para fazer parecer que estavam vivas. À medida que as minhas flores se tornavam obviamente mais frouxas, alguns transeuntes riam-se e outros pareciam preocupados. Os mal-humorados reclamavam. Ainda assim, eu fazia negócio. Fazia letreiros engraçados. Oferecia ofertas especiais do tipo compre-duas-pague-uma. Quando os homens casados diziam que não podiam levar flores meio mortas para as suas esposas, eu sugeria que levassem as túlipas dormentes e as plantassem como uma surpresa. Eram bolbos! Eram perenes! Compensariam no ano seguinte! Às vezes, era enganada por velhas senhoras italianas que me aliviavam de uma ou duas caixas; eu concordava com qualquer coisa para tirar as flores do nosso armazém e pôr mais dinheiro nos nossos bolsos, só percebendo que tinha sido completamente roubada quando verificava as contas. As mães de meia-idade tinham pena de mim, pegavam num vaso com flores tristes à saída e entregavam-me os seus dois dólares com uma palmadinha no ombro e um «Boas festas, minha querida».

Nalguns anos, fazia cem dólares; noutros, fazia zero, mas o meu pai dava-me sempre 50 dólares. Houve um ano em que fiz 256 dólares e gastei tudo em roupa e sapatos para a escola. Ainda sinto a emoção de ter comprado uma t-shirt demasiado grande do Garfield com o meu próprio dinheiro.

No meu último ano, numa manhã de Páscoa particularmente sombria e cinzenta, estava eu prestes a fechar a loja, quando um homem da Europa de Leste, com 40 e muitos anos, se aproximou da barraca. Disse que estivera a observar-me durante toda a semana e queria saber o meu nome. Também gostaria de saber a minha idade. Eu disse-lhe que tinha de ir chamar o meu pai. Fui buscar o meu pai e os dois homens desviaram-se para o lado e falaram durante algum tempo, enquanto eu fechava a loja. Quando terminaram, o homem apertou a mão ao meu pai, voltou para o carro e foi-se embora. De volta à loja, perguntei ao meu pai o que tinha acontecido. Ele explicou que o homem procurava uma esposa e queria saber quanto eu custaria. Arrastou a história, como se tivesse ponderado a oferta, como se estivesse a pensar nisso, e depois olhou para mim e disse: «Nunca na vida!» E abraçou-me com força. Aquelas semanas a vender flores foram das ocasiões em que me senti mais próxima do meu pai. Mas eu estava a ficar velha demais para o trabalho. Após o incidente da noiva russa, reformei-me.

Mas nunca deixei de trabalhar depois disso. Gostava de ter o meu próprio dinheiro, gostava da independência de existir num universo que os meus pais não controlavam. No entanto, a minha vida de trabalho teve, no início, um sucesso contraditório. Por cada trabalho pós-escola e de fim de semana que arranjava, era despedida de dois: fui despedida da Gap por me recusar a usar peúgas com as minhas Vans («as pessoas da Gap usam peúgas», foi-me dito); da Limited, por não ser suficientemente encorajadora para os clientes nos provadores («diz a todas as pessoas que elas ficam FANTÁSTICAS com as roupas!» «Então e se não ficarem?»); da Bath & Body Works porque não quis assistir a uma orientação de três dias sobre aromas de frutas; da Bennigan por me ter queixado de ter de andar sempre atrás de um outro empregado durante uma semana, antes de ser paga. Fui dispensada de uma empresa de telemarketing que vendia seguros por morte e amputação porque não conseguia seguir o programa, e de um emprego de rececionista numa cadeia de restaurantes de tapas porque, embora usasse o colete de lantejoulas e cantasse o «Parabéns a Você» em espanhol para os meninos malcriados de uma qualquer faculdade da Ivy League, o chefe era uma autêntica besta, e, certa noite, vi-me obrigada a mandá-lo bugiar.

A coisa correu melhor em instituições mais pequenas, de proprietários independentes, com menos regras opressivas e draconianas. Eu fatiava carne para o almoço e fazia sandes de carne e queijo numa pastelaria na rua da minha escola, propriedade de uma família ítalo-americana que empregava todos os seus filhos e queria uma rapariga presente. Aos sábados, ia diretamente para lá depois da aula de Arte que frequentava na cidade, com o portefólio debaixo do braço, e mostrava aos meus colegas de trabalho os desenhos que tinha feito nesse dia. Eles não percebiam o que eu estava a fazer (na verdade, nem sei se eu própria percebia), mas tratavam-me como se eu fosse artística e especial, e eu adorava-os por isso e trabalhava arduamente para eles, mesmo denunciando miúdos da minha idade que entravam na loja e tentavam comprar cerveja. Eu fazia pizzas e *calzones* e atendia o telefone na nossa pizzaria local e, às vezes, curtia com o rapaz das entregas nos intervalos dos pedidos. Trabalhava sozinha ao balcão do videoclube do meu melhor amigo, onde adorava recomendar filmes e também descobri a pornografia gay.

Eu gostava de trabalhar, só não fazia ideia do que gostava de fazer. E, perto do fim do meu percurso na minha escola secundária, muito grande e muito pública, tornou-se bastante claro que não fazia ideia do que *queria* fazer. Não ia para Harvard, nem para nada que se parecesse com Harvard. Tinha chumbado tantas vezes em várias disciplinas de Matemática e Ciências, que no último ano estava matriculada numa disciplina de Geometria básica, onde juro que apenas desenhávamos formas, e numa disciplina chamada Ciência Ambiental, que consistia basicamente num monte de falhados e eu a darmos a volta ao parque atrás da escola enquanto eles se pedravam e eu recolhia amostras e vermes do riacho (a única disciplina desse ano em que tive um 20). Havia outros problemas também. A minha pontuação nos SAT² era de 910 em 1600 pontos, com uma diferença uniforme, abaixo da média, entre Matemática e Inglês. Quando fiz o teste pela segunda vez, a pontuação foi ainda pior. Ia também chumbar a Educação Física — por chegar atrasada, por me esquecer do equipamento, por não querer dançar a quadrilha. Faltava-me disciplina, concentração

² Testes de avaliação ou aptidão escolares, realizados a nível nacional por estudantes do ensino secundário nos EUA, para admissão à universidade. [N. da T.]

e medo da autoridade, que ajuda a maioria dos miúdos a ter sucesso na escola secundária; eu queria livrar-me daquela situação social complicada e fugir de regras arbitrárias. Embora demorasse anos — décadas — a reconhecê-lo, debaixo de toda a minha fachada de identidade, eu estava zangada e a sofrer, um pouco por me sentir estranha e diferente, um pouco por causa dos problemas em casa (alcooolismo persistente, discórdia conjugal, a desagradável presença de ambos — só isto daria outro livro). No entanto, mais do que tudo, mesmo nessa altura eu desejava uma vida diferente, uma vida que pudesse viver segundo os meus próprios estranhos termos.

Ao saber da situação da Educação Física, a minha mãe chamou-me e perguntou-me o que é que eu queria fazer. Havia opções, disse ela. Podia desistir da escola e aprender um ofício. Podia ser cabeleireira. Podia desistir da escola, obter o meu diploma de equivalência, viver em casa e experimentar alguns cursos de faculdade comunitária, enquanto decidia o que fazer. Ou podia atinar e subir as notas até uma média de 14/20, o suficiente para me formar, aceitar a única admissão na universidade pública que me tinham oferecido e ir-me embora no outono com os meus amigos.

Escolhi a faculdade. Escolhi sair dali e partir. Fiz créditos adicionais, estudei, lavei o equipamento de ginástica e joguei vôlei em Educação Física. A minha turma gozou dois dias de folga antes da cerimónia de final de ano, mas eu passei-os inteirinhos no gabinete do diretor da escola, para compensar as horas que me faltavam no castigo. Pela primeira vez, percebi que os esforços de última hora podem mesmo mudar as coisas, que, quando mostramos que desejamos melhorar, as pessoas querem realmente ajudar — e isto não era nenhuma mentira de filme. Pela primeira vez, percebi que não estamos assim tão condenados como pensamos, mesmo quando encontramos obstáculos e nos sentimos em desespero, uma revelação a que já recorri em centenas de situações semelhantes desde então. Formei-me juntamente com a minha turma e fui para a faculdade no outono. Escolhi a aventura e o desconhecido porque preferia correr riscos a continuar num sítio chato e velho. Embora, basicamente, tivesse fracassado na faculdade logo à chegada, atirar-me de cabeça para algo novo sempre foi o único caminho consistente para o sucesso que conheci numa longa viagem de falhanços.

ENFRENTA OS SEUS MEDOS E ENCONTRE UM EMPREGO QUE REALMENTE A SATISFAÇA

Jennifer Romolini, hoje CEO de um site de projeção internacional, conta-nos neste livro a sua história pessoal e o seu percurso profissional. Apesar de um historial académico pouco brilhante e de a sua vida não lhe augurar um futuro risonho, foi quando decidiu aplicar na prática os ensinamentos de anos a servir às mesas que descobriu que não precisava de ir atrás do rebanho para conseguir o seu lugar num mundo em que os sonhos não estão reservados apenas aos que seguem as convenções e as regras estabelecidas.

Se é daquelas pessoas que, numa entrevista de trabalho, não sabe o que fazer com as mãos, se pretende redigir um CV que seja efetivamente lido, se não quer ir para o escritório vestida como uma Barbie profissional, se precisa de aprender a respirar fundo antes de escrever um e-mail neurótico e, sobretudo, se quer singrar num mundo que não parece ser o seu mas ao qual sabe que tem muito para dar, este livro é para si!

v o g a i s

com todas as letras

20|20 editora

ISBN 978-989-668-452-5



9 789896 684525

Desenvolvimento Pessoal

